

Entrevista

Repensando a avaliação a partir da equidade: Uma conversa com Jara Dean-Coffey

Rethinking evaluation from an equity perspective: A conversation with Jara Dean-Coffey

Rayane Stephanie Gomes de Freitas^{1*} ¹Pacto Organizações Regenerativas, São Paulo, SP, Brasil

COMO CITAR: Freitas, Rayane Stephanie Gomes de. (2026). Repensando a avaliação a partir da equidade: Uma conversa com Jara Dean-Coffey. *Revista Brasileira de Avaliação*, 15(2 spe), e150326. <https://doi.org/10.4322/rbaval.202600472026>

Resumo

Jara Dean-Coffey é uma liderança internacionalmente reconhecida no campo da avaliação equitativa e uma voz central na reconfiguração das bases éticas, relacionais e axiológicas das práticas avaliativas. Nesta entrevista, conduzida pela pesquisadora Rayane Freitas, ela reflete sobre os limites dos modelos convencionais de avaliação e nos convida a ir além de debates técnicos e metodológicos, em direção a questões de posicionalidade, cuidado, estratégia e coconstrução do conhecimento. A conversa explora os significados de equidade, as raízes históricas da avaliação como instrumento de controle e a necessidade de ampliar o que conta como evidência ao incorporar formas de conhecimento relacionais, contextuais e experienciais. Jara Dean-Coffey argumenta que o rigor e a validade são fortalecidos, e não ameaçados, pela proximidade, pela humildade e pela construção compartilhada do conhecimento. Ao abordar o Sul Global, ela destaca a importância de valorizar epistemologias locais e de construir práticas avaliativas sensíveis aos contextos. Esse diálogo posiciona a avaliação como um campo de investigação profundamente humano, estratégico e transformador.

Palavras-chave: Avaliação. Equidade. Cuidado. Avaliadores. Sul Global.

Abstract

Jara Dean-Coffey is an internationally recognized leader in equitable evaluation and a key voice in rethinking the ethical, relational, and axiological foundations of evaluative practice. In this interview, conducted by researcher Rayane Freitas, she reflects on the limits of conventional evaluation frameworks and invites us to move beyond technical and methodological debates toward questions of positionality, care, strategy, and the co-creation of knowledge. The conversation explores the meanings of equity, the historical roots of evaluation as an instrument of control, and the need to expand what counts as evidence by embracing relational, contextual, and experiential forms of knowing. Jara Dean-Coffey argues that rigor and validity are strengthened, rather than threatened, by proximity, humility, and shared ownership of knowledge. Addressing the Global South, she highlights the importance of valuing local epistemologies and building context-responsive evaluative practices. This dialogue positions evaluation as a deeply human, strategic, and transformative field of inquiry.

Keywords: Evaluation. Equity. Care. Evaluators. Global South.

Tecendo conexões

Jara Dean-Coffey é uma das principais referências internacionais no campo da avaliação equitativa, com base em quase trinta anos de prática e práxis em estratégia e investigação avaliativa. Está sempre em busca de caminhos para promover uma perspectiva ética, relacional e orientada à justiça. Como fundadora e CEO da jdcPARTNERSHIPS, é amplamente reconhecida por seu trabalho no setor filantrópico ao aprofundar nossa compreensão das origens e ampliar nossa imaginação para a criação de novos paradigmas que façam sentido para os tempos atuais. Isso inclui o lançamento da Equitable Evaluation Initiative, bem como do Clarity Not

Rayane Stephanie Gomes de Freitas, preta, mulher cis, pós-doutoranda em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP), é associada da PACTO Organizações Regenerativas, onde atua como avaliadora no campo social. Nesta edição foi convidada como Editora Associada. Autora responsável pela concepção do roteiro de entrevista, agendamento e realização da entrevista original em inglês, transcrição, validação e tradução para o português.

Instituição Parceira: Parceiros do número especial.

Recebido: Março 20, 2026

Aceito: Abril 02, 2026

Editora:

Ana Maria Carneiro

***Autor correspondente:**

Rayane Stephanie Gomes de Freitas

E-mail: rayane@pacto.site

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.





Certainty Effect™. Jara tem contribuído de forma decisiva para deslocar a avaliação de um espaço de controle e conformidade para um campo em que o implícito se torna explícito e as implicações para a prática são nomeadas, exploradas e podem evoluir. Ao aceitar gentilmente meu convite para esta conversa, Jara se engajou em um diálogo marcado por generosidade, honestidade e abertura à troca de saberes. Sua maneira cuidadosa e acessível de compartilhar reflexões complexas reafirma, para mim, que o conhecimento também se constrói nas relações. Sou profundamente grata por essa troca e convido as leitoras e os leitores a se aproximarem deste encontro não apenas como uma oportunidade de aprendizagem, mas também como um espaço de inspiração e conexão.

Nesta conversa, a entrevistadora Rayane Freitas¹ é identificada como RF e Jara Dean-Coffey como jdc. Entendendo a importância de ampliar o alcance dessas reflexões, neste número especial você encontrará a entrevista publicada em sua versão original em inglês e também nesta versão com a tradução para o português.

RF: Nos últimos anos, termos como equidade, diversidade e inclusão tornaram-se mais comuns no campo da avaliação. Na sua visão, o que torna o uso desses conceitos verdadeiramente transformador? Onde você percebe o risco de essas ideias perderem seu significado, especialmente quando falamos de equidade racial?

jdc: Obrigada pela pergunta. Quero iniciar minha resposta dizendo que falo a partir de uma perspectiva centrada nos Estados Unidos. Sou uma mulher negra, cisgênera e heteronormativa, que atuou no complexo industrial filantrópico por 30 anos, principalmente como profissional independente, nas margens do campo. Meu ponto de vista reflete essa trajetória. Em relação aos termos equidade, diversidade e inclusão, lembro quando foram introduzidos no contexto filantrópico nos Estados Unidos. Imediatamente, fiz uma pausa, pois sabia que, ao agrupá-los, chegaria um momento em que isso nos assombraria. Esse momento chegou.

Um dos meus hábitos é recorrer à etimologia das palavras para compreender suas definições centrais, seu contexto histórico e como isso pode ter se transformado ao longo do tempo. Novamente, faço isso dentro dos limites da língua inglesa. De forma sucinta, diversidade significa diferença. Inclusão é tornar parte. Equidade refere-se à qualidade do que é justo, equânime e imparcial. Este último termo também tem uma base econômica. É possível ter diversidade e ter inclusão sem ter equidade. Para haver equidade, é mais provável que haja inclusão, e também haverá maior diversidade. A distinção e a relação entre esses termos, no contexto desta conversa, são fundamentais.

Dito isso, acredito que esses termos abriram uma conversa, no campo das práticas avaliativas, que nos levou a perguntar: como pensamos sobre esses conceitos, definidos ou não, dentro da história e da prática contemporânea da avaliação? Isso foi extremamente importante. E, ainda assim, com frequência, as pessoas não têm uma definição operacional de equidade.

No que diz respeito ao que acontece quando se adiciona a dimensão racial: por eu ser quem sou, fui hipersensível a não lidar com a questão racial em minhas diversas iniciativas. Foi uma escolha estratégica da minha parte. No meu país, há a percepção de que pessoas negras tratam apenas de questões relacionadas à população negra. Eu compreendia que, se alguém entendesse plenamente o conceito de equidade, inevitavelmente chegaria à questão racial, caso ela fosse pertinente ao contexto. No entanto, ela não é pertinente em todos os contextos, podendo ser substituída por educação, pobreza, gênero e, muito provavelmente, pela interseccionalidade entre esses fatores. Eu sabia que lidar com a raça, apesar de haver fortes pressões para isso, poderia gerar efeitos adversos para mim, pessoalmente. E, como também me interessa viver fora e para além do que consigo imaginar ou tornar real, precisei criar caminhos para uma conversa que fosse acessível às pessoas. A raça também é uma construção social que não necessariamente se traduz entre diferentes contextos culturais. Meu objetivo final era ampliar nossa definição de como cocriamos conhecimento, utilizando

¹ Rayane Freitas é uma pesquisadora brasileira e especialista em avaliação. É sócia da PACTO Organizações Regenerativas e pós-doutoranda em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Seu trabalho se concentra na reimaginação da avaliação a partir de uma perspectiva antirracista e decolonial.



a avaliação como um ponto de entrada. Acreditei, e ainda acredito, que, ao fazer isso, as pessoas teriam menos tendência a retornar a paradigmas ultrapassados quando o contexto mudasse, como inevitavelmente acontece.

RF: Jara, eu estava pensando: quando falamos de decolonialidade, esse também pode se tornar um conceito vazio se as pessoas não souberem como realmente incorporá-lo. O que você pensa sobre isso?

jdc: Eu tendo a me orientar para o futuro a partir de uma compreensão do passado. Para mim, a equidade é algo em direção ao qual caminhamos. A decolonização é algo que precisamos, antes de tudo, compreender. Tendemos a focar nos problemas, nas faltas, no que está errado. Isso não nos leva a uma visão compartilhada do que é, de fato, possível. Ainda assim, é um passo em direção a um futuro em que toda a nossa humanidade seja reconhecida.

RF: E, nesse sentido, sabemos que a evidência é um tema central no campo da avaliação. Quando pensamos nesse cenário de equidade e decolonização, como você enxerga a evidência e o que conta como evidência nesse contexto?

jdc: Permita-me reformular a pergunta para: **“Que tipo de informação é útil para compreendermos?”**. As palavras “informação” ou “indícios” ampliam nossa mente, abrem nosso coração e acionam também nossa intuição. As palavras que escolhemos são extremamente importantes nessas conversas, porque podem tanto estimular a expansão quanto nos manter limitados. Se optarmos pelo primeiro caminho, podemos nos tornar mais capazes de discernir o que é possível em termos de evidência que seja relevante e significativa, considerando o propósito em questão, seu contexto e sua intencionalidade.

Como os Estados Unidos são muito eficazes em difundir suas crenças, é importante retornar à história. A avaliação, tal como a conhecemos, foi inicialmente um instrumento de controle e de conformidade em relação a grandes investimentos públicos. A evidência buscada estava centrada no retorno sobre o investimento e em mudanças em nível individual e de programas, geralmente agregadas. Parte do que foi transferido do setor com fins lucrativos incluía a ênfase em eficiência, experiência e escala. Diante da ampla gama de experimentos e experiências com as quais buscamos nos envolver e aprender, a evidência necessária começa com perguntas melhores. Assim, os dados que coletamos e as informações que deles emergem tornam-se relevantes. O que se perde, nesse processo, é que a avaliação faz parte de como cocriamos conhecimento. Portanto, como e por que fazemos isso, e quem participa desse processo, importa.

Por alguma razão, e eu entendo por que, mas também não entendo completamente, somos relutantes em ser tão expansivos quanto poderíamos no que diz respeito à criação de conhecimento. Fazemos isso mesmo quando sabemos, intuitivamente, que os dados que coletamos e as informações que deles extraímos não são suficientes. Eles não abarcam a complexidade, as nuances, o coração, a alma, o ritmo, a dança, a arte, a natureza. É nesse ponto que a ideia de conhecimento oriundo de outras culturas se mostra mais avançada do que a orientação dominante ocidental.

Dependendo de onde você está situada, pode parecer que não há poder para fazer algo diferente ou para formular perguntas que aprofundem e revelem as mentalidades e tensões em jogo. Outra dimensão pode ser o fato de você sequer saber o que ainda não sabe, não percebendo que esse paradigma ao qual muitos de nós nos apegamos vem de outro tempo e lugar. Trata-se de uma construção humana. Se sabemos que ele já não ressoa, então cabe a nós, é nossa responsabilidade. É, na verdade, nosso privilégio transformá-lo. Não precisa ser uma escolha entre um ou outro; pode ser um “e” ou “os dois”.

É nesse ponto que a agência entra em cena: qual é a sua posicionalidade? O que você pode fazer, a partir de onde está, para expandir a conversa? E é preciso ter paciência. Eu sou profundamente paciente. Minha relação com o tempo não está ancorada na urgência.



Estou aqui com você agora com base em 30 anos de experiência, durante os quais experimentei diferentes ideias a partir da minha perspectiva de mundo. Ao longo das décadas, explorei e transformei minha própria posição. O que posso ou escolho dizer hoje em determinados espaços, talvez não pudesse ou não diria há 10 anos, ou mesmo há 5. Compreendo quando sou a mensageira adequada e quando não sou. Penso sobre o que teria tornado esse caminho mais fácil para mim há 20 anos e procuro fazer isso por aqueles que vêm depois ou caminham ao lado. E, se consigo deslocar um par que ocupa uma posição diferente, isso já é um ganho.

Não chegamos até aqui da noite para o dia. Isso levará uma geração. Então, onde você pode plantar sementes? Onde pode expandir corações? Onde pode se engajar com o ser em sua totalidade, reconhecendo: “isso ainda não está totalmente certo”? E onde você pode experimentar, onde pode, de fato, ser experimental e experiencial? E, em meio a tudo isso, como você pode ser mais gentil consigo mesma? Nenhuma de nós esteve aqui antes, neste corpo, neste tempo. Tudo isso é prática.

RF: E eu estava pensando que os Estados Unidos e o Brasil têm contextos muito distintos quando consideramos as desigualdades e o que acontece aqui e lá, e que a agência é central nesse caso. Então, gostaria de te perguntar se você enxerga limites para transformar a forma como avaliamos programas e iniciativas hoje.

jd: São limites autoimpostos. Valorizamos rapidez e eficiência; queremos que tudo mude de uma vez. Nossa definição de risco é unilateral, em oposição a considerar o risco real de não fazer algo diferente. Novamente, acredito que trazemos ideias e mentalidades de outros tempos e de outros setores para um trabalho que é profundamente humano. Isso nos impede de acessar aquilo que, intuitivamente, sabemos que é insuficiente.

A questão é: o que você é capaz de fazer, a partir de onde está, para mover isso em direção a algo mais holístico, inclusivo e humano — e eu diria, mais válido e rigoroso.

RF: E isso nos leva a pensar sobre o papel do cuidado na avaliação, já que a avaliação pode causar danos a muitas pessoas. Gostaria de te ouvir: como você enxerga o papel do cuidado na avaliação? E como essa perspectiva pode nos ajudar a transformar a avaliação?

jd: Utilizando a definição de Scriven², trata-se de “determinar o mérito e o valor”. Mas o que essa definição carece é de um ponto de vista axiológico claro, falta-lhe pulsação. Assim, quem determina o mérito e o valor? Se vamos utilizar a equidade — e eu diria, avançar em direção à justiça, à libertação e à liberdade como objetivo final — então a forma como determinamos valor, mérito e importância precisa estar refletida na maneira como nos engajamos no trabalho avaliativo. Não se alcança liberdade causando danos no percurso.

Então, qual é a sua responsabilidade ética? Engajar-se em relações de modo que a experiência produza maior validade e, portanto, mais rigor, porque está contextualizada. Há cuidado na seleção, na formulação das perguntas, na construção de sentido e no uso do que emerge desse processo.

Retomando a história, essa ideia de objetividade e neutralidade acabou por afastar o cuidado. A ilusão era de que estar próximo e verdadeiramente implicado significaria não ser capaz de alcançar percepções profundas. Quando, na verdade, isso torna mais possível compreender o que está acontecendo e traduzir isso em achados que sejam, de fato, mais úteis.

Mas isso também significa que a pessoa avaliadora precisa se aproximar, e não tenho certeza se todas desejam ocupar esse lugar.

RF: Sim. E avaliadoras e avaliadores precisam ter coragem para fazer isso.

² Ver mais no artigo: Scriven (1995).



jd: Sim, é preciso ter coragem. Mas também é necessário, de modo geral, desejar estar em proximidade. Nem todas as pessoas querem esse nível de intimidade. Elas preferem ver você como um objeto de análise, e não como um ser humano inserido em um contexto compartilhado, atravessado por diferentes experiências e histórias. Quando foram formadas de maneira convencional, muitas vezes foram ensinadas a se afastar cada vez mais, a retirar sua posicionalidade, seu instinto, sua intuição, seu coração desse processo. Por isso, acredito que é mais do que um simples desafio dizer, de repente: “seja plenamente quem você é”.

RF: E você sabe que, muitas vezes, quando estou entrevistando pessoas, o simples ato de falar é muito terapêutico. E quem avalia precisa estar aberto a isso. Trata-se de não tratar a pessoa como um objeto de análise, mas de reconhecer o ser humano ali presente. Geralmente, as pessoas não têm a oportunidade de falar sobre suas vidas, suas escolhas, suas percepções e seus pontos de vista. E isso é muito importante quando estamos conduzindo um processo avaliativo. Isso é humano e tem muito valor para nós.

jd: Tem, sim. Quando impomos cronogramas artificiais ou sentimos a necessidade de “riscar itens de uma lista de tarefas”, quando tentamos encaixar as pessoas em categorias ou classificações em vez de olhar para sua inteireza e nos engajar em análises que nos permitam ver toda a potência presente, seguimos restringindo o trabalho. Não acredito que estejamos, de fato, acessando as informações que nos ajudariam a compreender melhor o que realmente está em jogo. Estamos limitando nossos próprios esforços por conta dessas dinâmicas e desses artefatos de prática que nunca foram concebidos para dar conta da complexidade da experiência humana.

RF: E, Jara, pensando nas futuras gerações de avaliadoras e avaliadores, quais habilidades você considera essenciais para elas?

jd: Penso que se trata menos de habilidades e mais de qualidades, como o cuidado. Não sei se é possível ensinar alguém a cuidar, ou a ser humilde, ou a ser curioso, ou a ser criativo, ou ainda a estar confortável com a ambiguidade e com o que emerge.

A formação em avaliação tende a focar principalmente no método; trata-se de um exercício metodológico. Como não abordamos os enquadramentos axiológicos, epistemológicos e ontológicos, permanecemos em um paradigma criado por outras pessoas, muitas delas já falecidas, para outro tempo e lugar. Para mim, trata-se mais de quem você é como ser humano, do seu conforto com isso e de como você se engaja na investigação, em diálogo com outra pessoa, de maneira cuidadosa.

O termo avaliação, inadvertidamente, carrega consigo muitos pesos, incluindo o dano. Eu tendo a utilizar o termo investigação, porque ele me parece mais aberto, mais inclusivo, mais gentil e mais expansivo. Ele permite um nível de rigor e validade que o termo avaliação, atualmente, limita.

Em termos de formação, isso envolveria a leitura de mais filosofia, atravessando diferentes culturas. Certamente, incluiria a leitura de Freire³. Também incluiria Sylvia Wynter⁴ e Marie Battiste⁵, do povo Mi'kmaq de Potlotek First Nation, entre outras. Uma exposição mais ampla e uma compreensão de como diferentes filosofias culturais concebem a criação de conhecimento tornariam o campo mais rigoroso. A avaliação, no fim das contas, é uma das formas pelas quais mercantilizamos o conhecimento.

³ Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro, referência global na pedagogia crítica, cujo trabalho enfatiza a educação como prática de liberdade e transformação social. Para mais informações, ver: Instituto Paulo Freire (2026).

⁴ Sylvia Wynter é uma escritora jamaicana e teórica cultural, reconhecida por uma obra multifacetada, que articula contribuições da teoria literária, das ciências e dos estudos afro-americanos para analisar raça, os legados da colonialidade e as formas de representação do humano. Para mais informações, ver: King's College London (2026).

⁵ Marie Battiste é uma educadora Mi'kmaq de Potlotek (Canadá), reconhecida por suas contribuições ao debate sobre imperialismo cognitivo, à valorização dos saberes e epistemologias indígenas e à descolonização da educação, bem como por seu compromisso com línguas, pedagogias e modos de conhecer dos povos originários. Para mais informações, ver: Mi'kmaq Archives (2026).



Por exemplo, Shawn Wilson, da Nação Cree Opaskwayak⁶, escreve sobre a cerimônia como uma prática que renova a responsabilidade relacional em nossas relações. Ele afirma que, se a pesquisa não transforma você como pessoa, então ela não foi realizada corretamente. Ler esse tipo de reflexão pode ajudar as pessoas a se autorizarem a fazer parte da prática, em vez de manter os enquadramentos predominantes, ocidentais, masculinos, cisgêneros e heteronormativos, como algo separado do trabalho. Isso pode permitir que mais pessoas se engajem na prática com esse tipo de cuidado de que você está falando, o que, acredito, aumenta a validade e o rigor da experiência para todas as partes envolvidas.

Também tenho lido alguns trabalhos de Vine Deloria Jr.⁷, da Nação Sioux de Standing Rock, e gosto muito de uma ideia central em sua obra: ele reivindica a verdade como uma coerência relacional. O paradigma ocidental parte de uma suposição não declarada de que o conhecimento é algo a ser utilizado, e não algo a ser reverenciado. O que aconteceria se esse tipo de pensamento estivesse presente enquanto você conduz sua prática avaliativa? Certamente, você conceberia todo o processo de forma diferente.

RF: E aqui no Brasil temos tantos pensadores e pensadoras importantes, como Nêgo Bispo⁸, Paulo Freire, Conceição Evaristo⁹ e muitos outros autores que podem nos guiar. São perspectivas mais alinhadas com o cuidado, com a humanidade e com modos relacionais de produção de conhecimento.

jdj: Vamos romper com a ideia de que o cuidado impede o rigor e a validade — de que, de alguma forma, ao estar próxima você não seria capaz de compreender plenamente. Essa é a ilusão da objetividade e da neutralidade. Talvez, ao estar mais próxima de você, eu sinta, perceba sua energia, e isso me permita compreender melhor o que você está dizendo, ou reconhecer que não compreendo totalmente e, então, te pedir ajuda. O peso também passa a ser compartilhado de outra maneira. E isso não significa tornar o processo extrativista. Significa perguntar: como esse entendimento é, então, compartilhado? E como o conhecimento que construo a partir disso também se torna algo compartilhado com você?

Sei que ainda não falamos sobre o Equitable Evaluation Framework^{TM10}, mas o Princípio 2 trata justamente da propriedade compartilhada e da validade multicultural. Então, como essa coconstrução do conhecimento, que acontece por meio do cuidado, pode se tornar algo ao qual ambas temos acesso?

RF: Você mencionou diversas formas pelas quais podemos transformar o modo como olhamos para a avaliação. Gostaria de te perguntar se você tem alguma mensagem ou convite para o Sul Global, considerando os nossos contextos.

jdj: O que eu diria ao Sul Global é: **não olhem para o Norte Global** em busca de respostas. Honrem, valorizem e compreendam suas próprias origens. Tomem de nós apenas aquilo que for relevante para vocês agora. A responsabilidade é, de fato, de

⁶ A Nação Cree Opaskwayak está localizada aproximadamente 600 km ao norte de Winnipeg, próximo a The Pas, em Manitoba. A principal língua indígena falada é o dialeto Swampy Cree. Para mais informações, ver: Klemm (2026).

⁷ Vine Deloria Jr. (1933-2005), intelectual Lakota Hunkpapa da Nação Sioux de Standing Rock, foi um dos mais influentes pensadores indígenas dos Estados Unidos, trazendo contribuições significativas para a educação, a espiritualidade e a descolonização das epistemologias indígenas. Sua obra, especialmente *Custer Died for Your Sins* (1969), criticou as representações coloniais e afirmou a centralidade da relação espiritual com a terra e de outros modos de conhecer. Para mais informações, ver: Aktá Lakota Museum & Cultural Center (2026)

⁸ Nêgo Bispo (1959-2023) foi um intelectual quilombola brasileiro, escritor e ativista, cujo pensamento emerge da experiência territorial e do conhecimento ancestral. Sua obra afirma perspectivas contra-coloniais, valorizando a oralidade, a comunidade e outros modos de produção de conhecimento enraizados na relação entre corpo, terra e ancestralidade. Para mais informações, ver: Rodrigues (2025).

⁹ Conceição Evaristo é uma das principais escritoras e intelectuais brasileiras contemporâneas, cuja obra afirma a centralidade das experiências negras na produção de conhecimento e na representação do humano. Por meio do conceito de *escrivivência*, articula memória, corpo e ancestralidade para tensionar narrativas hegemônicas e inscrever outros modos de existir e de ser no mundo. Para mais informações, ver: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2026).

¹⁰ Ver mais em: Equitable Evaluation Initiative (EEI, 2026).



vocês: criar uma prática avaliativa que faça sentido para o seu contexto e para os seus objetivos. Isso leva tempo, sejam pacientes com vocês mesmas.

Estamos em um território ainda não mapeado, no sentido de que, como coletivo, nunca estivemos aqui antes. Não vamos chegar lá da noite para o dia. Onde estão as oportunidades, as conversas e os corações suficientemente abertos para que vocês comecem a explorar o que pode ser possível na sua prática avaliativa? Eu sempre digo às pessoas para encontrarem seu nicho. Ao usar outras palavras, ao entrar de forma leve e gentil, com curiosidade, vocês podem se surpreender com os caminhos que se abrem para expandir sua abordagem à avaliação. É aí que tudo começa.

É isso que eu ofereço: sejam generosas com vocês mesmas.

Quando penso na minha trajetória ao longo das décadas, aquilo que eu buscava ser já não é mais necessário. Se você precisa carregar a água o tempo todo, talvez esse não seja o lugar em que deveria estar, ou talvez tenha colocado água demais no jarro. Se dói demais, provavelmente não é o espaço certo para você, ou você não é a mensageira adequada, ou ainda não é o momento certo. É preciso ser realmente estratégica, humilde e paciente quando se deseja transformar um paradigma, para que ele possa, de fato, se sustentar e continuar a evoluir com a sua atenção cuidadosa.

Retomando a sua pergunta inicial, os termos diversidade, equidade e inclusão iniciaram uma conversa, e acredito que isso levará mais tempo do que as pessoas imaginam. Há uma tensão, um movimento de avanço e recuo, e até mesmo uma certa paralisia que emergem quando nos voltamos às origens, à história e ao que isso exige de todas nós. A avaliação está exatamente no centro disso. Raramente discutimos que a avaliação é uma das formas pelas quais mercantilizamos a coconstrução do conhecimento, de modo que ela não avança — porque, de fato, nunca foi concebida para isso. Não é possível resolver essa realidade apenas por meio de métodos.

RF: Qual foi a coisa mais importante que você aprendeu ao trabalhar com avaliação ao longo de todos esses anos?

jdc: Trata-se de uma **expressão e de uma parte da estratégia**. Se a sua estratégia não está clara, se você não tem uma explicitação da sua perspectiva de mundo e da posição do empreendimento específico dentro dela, então a avaliação inevitavelmente irá falhar. Ela não é algo separado do trabalho; é uma parte intrínseca dele. Gostaria que essas duas coisas estivessem mais próximas. Quando isso acontece, percebo que a investigação, desde o início, como um enquadramento a ser aplicado, tende a ser mais viva, mais útil, mais válida e mais rigorosa. Ela serve a um propósito mais elevado.

Também costumo utilizar o termo investigação avaliativa, porque a avaliação, tal como foi historicamente e convencionalmente abordada, tende a manter as pessoas à distância, enquanto a investigação aproxima. Ela convida a um tipo de curiosidade e humildade na definição de quais perguntas são importantes fazer, quando, por quê, para quê e como, incluindo como se constrói sentido e como esse sentido é compartilhado. Quando há essa proximidade, na minha experiência, as pessoas se tornam mais capazes de desenhar e se engajar em processos e práticas que são mais benéficos, cuidadosos, éticos, responsáveis e úteis para todas as partes envolvidas.

Essa investigação torna-se incorporada, passa a fazer parte de sustentar a estratégia com cuidado e intencionalidade. Também tenho observado que isso nos torna melhores clientes e usuáries de serviços e apoios avaliativos.

Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.



Agradecimentos

Agradeço a Jara Dean-Coffey por ter aceitado o convite para esta entrevista, pela partilha generosa de suas reflexões e pela valiosa contribuição na validação da versão final deste texto.

Declaração de usos de IA e/ou tecnologias assistidas por IA

Durante a preparação desta entrevista, a autora utilizou o recurso de gravação em vídeo do Google Meet e a ferramenta fireflies.ai para a transcrição da entrevista original em inglês. Na versão em português, o ChatGPT foi utilizado para apoiar na tradução. Após o uso dessas ferramentas, a autora revisou e editou todo o conteúdo em conformidade com o método científico e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Referências

- Aktá Lakota Museum & Cultural Center. (2026). *Vine Deloria Jr.* Retrieved in 2026, March 20, from <https://aktalakota.stjo.org/artists-authors/vine-deloria-jr-2/>
- Equitable Evaluation Initiative – EEI. (2026). *The Equitable Evaluation Framework™ (EEF)*. Retrieved in 2026, March 20, from <https://www.equitableeval.org/framework>
- Instituto Paulo Freire. (2026). *Biografia de Paulo Freire*. Retrieved in 2026, March 20, from <https://www.paulofreire.org/biografia>
- King's College London. (2026). *Sylvia Wynter*. Retrieved in 2026, March 20, from <https://www.kcl.ac.uk/people/sylvia-wynter>
- Klemp, Travis. (2026). *Opaskwayak Cree Nation*. The Canadian Encyclopedia. Retrieved in 2026, March 20, from <https://thecanadianencyclopedia.ca/en/article/opaskwayak-cree-nation>
- Mi'kmaw Archives. (2026). *Marie Battiste*. Retrieved in 2026, March 20, from <https://mikmawarchives.ca/authors/marie-battiste>
- Rodrigues, Thaís. (2025). *Dois anos sem Nêgo Bispo: O legado vivo de um dos maiores pensadores quilombolas do Brasil*. CONAQ. Retrieved in 2026, March 20, from <https://conaq.org.br/dois-anos-sem-nego-bispo-o-legado-vivo-de-um-dos-maiores-pensadores-quilombolas-do-brasil/>
- Scriven, Michael. (1995). The logic of evaluation and evaluation practice. *New Directions for Evaluation*, 1995(68), 49-70. <https://doi.org/10.1002/ev.1019>
- Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. (2026). *Conceição Evaristo*. Literafro: Portal da Literatura Afro-Brasileira. Retrieved in 2026, March 20, from <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>